

Vivências Diversas, Experiências Compartilhadas:
**algumas reflexões acerca da constituição dos espaços sociais do trabalho
na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX***

Flavia Fernandes de Souza**

RESUMO: Este trabalho apresenta uma reflexão acerca da constituição de alguns espaços de trabalho na cidade do Rio de Janeiro nas três últimas décadas do século XIX no Brasil, que foi realizada a partir dos anúncios com demandas por empregos e por trabalhadores que eram divulgados em jornais de época. Seu objetivo consiste em buscar elementos – como os tipos de atividades e de trabalhadores – que estavam presentes na dinâmica cotidiana de composição de alguns ambientes de trabalho. Nesse sentido, discute-se sobre a diversidade existente nas vivências do mundo do trabalho urbano e a articulação de relações e identidades construídas através do compartilhamento de experiências ligadas ao trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Espaços de trabalho – Anúncios de jornais – Rio de Janeiro, 1870-1900.

ABSTRACT: This paper presents a reflection on the constitution of some labor spaces in the Rio de Janeiro city in the last three decades of the nineteenth century in Brazil, which was done by using newspaper's announcements of job applications that were found on the nineteenth newspapers. Its main objective is to seek for elements – like kinds of work activities and workers – that were inserted in that daily dynamic of the composition of some labor environment. So this paper discusses the diversity of experiences inside the urban labor world, and the linking of the relationship and identities constructed by the sharing of experiences.

KEY-WORDS: Labor spaces– newspaper's announcements – Rio de Janeiro, 1870-1900.

No dia 3 de março de 1888, foi publicada a seguinte série de anúncios no *Jornal do Commercio*:

Precisa-se, na honesta Agência Francesa, de empregados sérios: cozinheiros, copeiros, jardineiros, caixeiros, serventes, carregadores, trabalhadores, chacareiros, foguistas, porteiros, roupeiros, etc.; na rua da Assembléia n.53, sobrado. (...) (JORNAL DO COMMERCIO, 03.03.1888)¹

* O presente trabalho integra parte das pesquisas que estamos desenvolvendo, sob orientação da Professora Dr^a Magali Engel, para a elaboração de nossa Dissertação de Mestrado. Esta pesquisa tem como objeto de estudo o serviço doméstico e a sua inserção no chamado mundo do trabalho na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX e utiliza como uma de suas principais fontes os anúncios com procuras e ofertas de empregos e de trabalhadores que eram publicados em jornais da época.

** Mestranda do Programa de Pós-graduação em História Social da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGHS/FFP/UERJ) e Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

¹ Todos os anúncios de jornais aqui citados tiveram a ortografia das palavras atualizadas.

Trata-se de empregar com toda a brevidade possível: caixeiros, porteiros, roupeiros, enfermeiros, feitores, apontadores, cobradores, foguistas, maquinistas, despenseiros, criados de bordo, padeiros, trabalhadores, artistas, operários, criados e criadas, e todo qualquer outro emprego que deixamos de mencionar; quem precisar dirija-se à rua Senhor dos Passos n.145, sobrado. (...) (JORNAL DO COMMERCIO, 03.03.1888)

Quem precisar de criados de ambos os sexos, afiançados, como cozinheiras, lavadeiras, engomadeiras, amas secas, mucamas, cozinheiros, copeiros etc., etc., tanto nacionais como estrangeiros, dirija-se ao Centro de Locação e Comissões de Oppenheimer e C., à rua da Quitanda n.59, 1º andar. (JORNAL DO COMMERCIO, 03.03.1888)

Anúncios como esses, das chamadas casas de comissões, de locações ou de agências de empregos localizadas na cidade do Rio de Janeiro, eram publicados com frequência no *Jornal do Commercio* no final do século XIX. E além dos anúncios dessa natureza, quer dizer, de estabelecimentos que agenciavam trabalhadores, centenas de outros, com ofertas de emprego ou de trabalho, eram divulgados diariamente na seção dos anúncios do referido jornal no período que se estende de 1870 a 1900. Com demandas referentes ao comércio, às oficinas, às fábricas, às atividades do porto e, sobretudo, ao serviço doméstico, inúmeros anúncios desse tipo apareciam, portanto, naquele periódico por meio das conhecidas expressões “precisa-se”, “aluga-se”, “vende-se” e “oferece-se”:

Aluga-se uma preta, boa cozinheira e perfeita lavadeira e engoma alguma coisa; prefere-se casa de pouca família; na rua da Guarda Velha n.40A. (JORNAL DO COMMERCIO, 16.01.1870)

Precisa-se de trabalhadores para a fábrica de sabão, com prática ou sem ela; na praia de S. Cristóvão n.45A; para tratar na mesma. (JORNAL DO COMMERCIO, 10.03.1874)

Precisa-se de um caixeiro com ou sem prática, de 11 a 13 anos, que dê fiança de sua conduta, para armazém de secos e molhados; na rua das Marrecas n.1 ou na rua de S. Pedro n.108. (JORNAL DO COMMERCIO, 10.03.1874)

Vende-se dois escravos, um carpinteiro e outro pedreiro, são de 24 anos de idade, boas peças, não tem vícios e é a primeira vez que são vendidos para fechar balanço; trata-se, por favor, à rua Estácio de Sá n.39, sobrado. (JORNAL DO COMMERCIO, 31.07.1882)

Aluga-se um moço alemão para cozinhar o trivial e entende de jardim; na rua do Catete n.49, charutaria. (JORNAL DO COMMERCIO, 10.09.1886)

Oferece-se uma costureira espanhola, corta pelos últimos figurinos, para casa de família de tratamento; quem precisar dirija-se à rua da Conceição n.73, 2º andar. (JORNAL DO COMMERCIO, 27.01.1894)

Se uma senhora de meia idade quiser ir para a companhia de um casal a fim de cuidar de uma criança de um ano e meio, dirija-se ao ponto dos bondes de S. Januário, rua Abílio n.3, não se faz questão sendo de cor, porém que seja brasileira. (JORNAL DO COMMERCIO, 30.03.1898).

De fato, desde as primeiras décadas do Oitocentos, com o desenvolvimento da imprensa periódica no país, os jornais se tornaram “um valioso instrumento para quem buscava emprego ou para quem precisava de empregados” (CARVALHO, 2006: 176). No final do século XIX, esse papel da imprensa, de modo geral, e da seção dos anúncios, em particular, parece ter sido incontestável. Nesse momento, os anúncios se apresentavam, entre outras funções, como sendo importantes espaços impressos para a divulgação de demandas relativas ao mundo do trabalho, dada a extensão atingida por esse veículo de comunicação em relação ao público.

Sem desconsiderarmos a relevância das questões em torno das relações entre a imprensa e o mundo do trabalho, propomos neste texto, no entanto, refletir sobre o conteúdo dos anúncios com demandas de empregadores, trabalhadores ou agenciadores. Nossa intenção é a de pensar nas pistas que eles nos dão sobre a constituição de alguns espaços de trabalho na cidade do Rio de Janeiro, nas três últimas décadas do Oitocentos, ao divulgarem aspectos dos empregos ou dos trabalhadores que eram procurados ou oferecidos nos jornais (tal como demonstram os anúncios citados anteriormente). Assim, procuramos informações acerca das características dos trabalhadores (como os dados sobre o sexo, a faixa etária, a cor, a condição e a origem ou a nacionalidade), bem como sobre as atividades por eles exercidas, de modo a reunir elementos que estavam presentes na composição de alguns espaços de trabalho no final do século XIX. Acreditamos que esse exercício de investigação nos fornece subsídios para uma reflexão mais ampla acerca das dinâmicas cotidianas envolvidas na constituição de alguns ambientes de trabalho na cidade do Rio, que, por sua vez, eram permeados por relações e identidades elaboradas em meio a vivências distintas – porém partilhadas – de variados trabalhadores.²

² É relevante que se pontue, brevemente, os pressupostos que orientaram a elaboração deste trabalho. Nesse sentido, deve-se registrar que a construção dessas reflexões foi inspirada pela leitura de dois artigos dos historiadores Antonio Luigi Negro e Flávio Gomes (intitulado *Além de senzalas e fábricas: uma história social do trabalho*) e Silvia Hunold Lara (*Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil*), sobre a temática do trabalho na história do Brasil. Nos referidos textos, esses historiadores apontam para uma questão que nos é cara: que é a necessidade de rever ou ampliar os estudos sobre os chamados “mundos do trabalho” no final do século XIX e início do XX no Brasil. Período que, segundo eles, oferecem ricas possibilidades para a construção de abordagens sobre as experiências dos trabalhadores, sejam eles escravos, libertos, livres, nacionais, imigrantes, negros, brancos, indígenas, homens, mulheres, assalariados e organizados ou não. A partir dessa perspectiva, esses historiadores apontam caminhos possíveis para as investigações históricas sobre as experiências do trabalho escravo, livre e assalariado, no antes e no depois da abolição, destacando a importância de se levar em conta, nas pesquisas, a complexidade e a diversidade da experiência do trabalho; bem como ressaltando a necessidade de se investigar sobre os espaços de solidariedade ou de convívio entre os mundos da escravidão e da liberdade nesse momento histórico. Ver Referências Bibliográficas.

Sendo assim, podemos dizer que um dos primeiros aspectos que salta aos olhos do estudioso que se debruça sobre os anúncios para analisá-los é a grande diversidade que parece ter caracterizado o que podemos chamar de mundo do trabalho na cidade do Rio nas últimas décadas do século XIX. Ao reunir distintas ocupações, ofícios e/ou profissões e trabalhadores de variados perfis – tal como demonstram, por exemplo, aqueles anúncios de agenciadores, empregadores e trabalhadores citados inicialmente – o cotidiano do trabalho urbano da população pobre do Rio, era, ao que tudo indica, marcado por uma enorme complexidade, na qual a heterogeneidade, certamente, constituía um dos traços mais fortes.

No que diz respeito às ocupações, aos ofícios e/ou às profissões, a marca da diversidade apresenta-se como algo que talvez seja mais rapidamente compreensível. Em função da existência e da dinâmica de diferentes atividades ligadas aos principais setores da economia daquela que era considerada a principal e a mais populosa cidade do país (LOBO, 1978: 449), eram vários os espaços em que os trabalhadores atuavam. Não é por acaso, nesse sentido, que encontramos anúncios de jornais com demandas por empregos ou serviços relacionados às atividades das indústrias manufatureiras, da construção, do artesanato, do comércio, dos transportes, dos profissionais liberais e do serviço doméstico.

De outra parte, no que se refere aos trabalhadores, a análise da diversidade do mundo do trabalho talvez ganhe contornos mais destacados. Isso porque os últimos decênios do século XIX compreenderam um período de profundas transformações nas esferas de trabalho no Brasil, e na cidade do Rio de Janeiro em particular, devido à imposição de uma nova ordem social e econômica e dos processos históricos a ela ligados, como a crise e o fim da escravidão e a imigração de trabalhadores estrangeiros (CHALHOUB, 2001: 42-50). Tais transformações geraram um contexto marcado por uma ampla heterogeneidade entre a classe trabalhadora, que tradicionalmente tende a ser caracterizada pela variedade decorrente da própria “insegurança estrutural” por ela vivida, e que leva ao trabalho, principalmente à busca por empregos, homens e mulheres de diferentes idades, de modo a lidar com a incerteza da vida diária marcada pela pobreza (SAVAGE, 2004: 33; KIRK, 2004: 59).

Tendo em vista esses processos, podemos dizer que parte dessa realidade pode ser apreendida através da análise dos anúncios do *Jornal do Commercio* no final do século XIX. Por intermédio desse material, podemos observar a participação dos mais distintos tipos de trabalhadores, ou seja, encontramos indivíduos, de ambos os sexos, pertencentes a variadas faixas etárias (homens, mulheres, crianças, jovens, adultos e idosos), de diferentes condições (escravos, libertos e livres) e de distintas origens e nacionalidades (como brancos, negros,

5

pardos, nacionais ou estrangeiros), que ofereciam seus serviços ou eram procurados para realizar variadas atividades em inúmeros espaços de trabalho da cidade.

Contudo, essa enorme diversidade do mundo do trabalho carioca em finais do Oitocentos, retratada parcialmente nos anúncios de jornais, coloca-nos diante de uma questão importante: trata-se de pensar no acúmulo de experiências de trabalho, em função da possibilidade da existência de espaços e de processos comuns vividos pelos diferentes tipos de trabalhadores. A nossa indagação coloca-se, assim, na perspectiva de refletir sobre as vivências daqueles distintos trabalhadores que poderiam ser marcadas por experiências compartilhadas no âmbito do trabalho e que, por sua vez, articulavam relações de convívio, de solidariedade, de tensões ou de conflitos.

Certamente que, no cenário urbano do Rio de Janeiro – com todas as suas peculiaridades de uma “cidade-capital” escravista –, o cruzamento entre vivências e experiências de trabalhadores já era um fenômeno que acontecia de longa data. Sobre esse aspecto, basta lembrar que, durante toda a primeira metade do século XIX, trabalhadores escravizados, libertos e livres atuavam na cidade, em espaços públicos e privados, exercendo as mais variadas atividades e modalidades de trabalho manual e/ou mecânico (SILVA, 2002; KARASCH, 2000). A partir da segunda metade do Oitocentos, a coexistência entre o trabalho escravo e o trabalho livre, em muitos espaços da cidade, tendeu a se intensificar em função dos processos graduais de aumento do número de libertos e de imigração de trabalhadores estrangeiros. (BENCHIMOL, 1992: 76-95; CHALHOUN; RIBEIRO; ESTEVES, 1984-5: 86-116)³

No período que se estende de 1870 a 1900, os anúncios do *Jornal do Commercio*, referentes às demandas do mundo do trabalho, retratavam aspectos desses processos históricos que ocorriam na cidade do Rio. Ao longo dessas décadas, a seção dos anúncios daquele periódico, apresentava inúmeras procuras e ofertas que demonstram que trabalhadores de diferentes tipos e condições poderiam exercer atividades semelhantes nos espaços de trabalho. Nos anúncios relativos ao serviço doméstico essa característica do universo do trabalho carioca pode ser observada claramente, tal como nos anúncios que se seguem:

Precisa-se de dois quitandeiros de frutas, livres ou escravos; na rua Direita dos Quartéis n.4. (JORNAL DO COMMERCIO, 16.01.1870)

³ O historiador Luiz Carlos Soares apresenta um interessante exemplo desse tipo de compartilhamento de experiências entre trabalhadores livres e escravizados em oficinas artesanais, em estabelecimentos industriais (de manufaturas) e de construção. Ver as Referências Bibliográficas.

Precisa-se de duas criadas livres ou escravas para todo serviço de casa de família; na rua da Assembléia n.121. (JORNAL DO COMMERCIO, 10.05.1874)

Aluga-se um rapaz de cor, escravo, para cozinheiro e copeiro, por 30\$; e outro dito, livre, para copeiro, por 25\$; na rua Espírito Santo n.21. (JORNAL DO COMMERCIO, 08.05.1878)

Precisa-se de amas secas, de mucamas, de cozinheiras, de engomadeiras, de lavadeiras, etc.; na rua da Assembléia n.53, sobrado. Quaisquer que sejam: negras, pardas, de cor ou brancas; (...) (JORNAL DO COMMERCIO, 03.03.1888)

Alugam-se bons criados e criadas, nacionais e estrangeiros para todos os serviços; na rua do Lavradio n.10. (JORNAL DO COMMERCIO, 27.01.1894)

É interessante notar que os anúncios de jornais relacionados ao mundo do trabalho demonstram, igualmente, que o convívio entre variados tipos de trabalhadores se desenvolvia desde o momento da procura pelo trabalho. Para esse entendimento, basta considerarmos os estabelecimentos de locação de empregos ou de trabalhadores, a partir dos quais podemos observar nitidamente esse processo. Isso porque, nesses ambientes, era possível encontrar variados indivíduos tendo sua força de trabalho oferecida para a realização de atividades da mesma natureza e que, em alguns casos, permaneciam, durante o tempo necessário para a colocação em um emprego, nos próprios locais que agenciavam seus serviços.⁴ Em 14 de janeiro de 1888, um anúncio publicado no mesmo jornal nos sugere esse fenômeno:

O Centro de Locação e Comissões, Ouvidor n.29, 1º andar, tem hoje para alugar o seguinte pessoal todo afiançado:

Um pardo, muito bom copeiro, por 35\$;

Um preto, de idade, para cozinheiro, sabendo fazer doces, por 40\$;

Um francês, de idade, para cocheiro ou outro qualquer trabalho, não fala português;

Um alemão, de 35 anos, para copeiro ou qualquer serviço doméstico, por 25\$;

Um casal alemão, o marido para copeiro e jardineiro e a mulher para costurar, arrumar casa e lidar com crianças, por 60\$;

Um francês, excelente chefe de cozinha, para hotel ou casa comercial, ex-chefe de cozinha do Globo. (JORNAL DO COMMERCIO, 14.01.1888)

A análise dos anúncios de jornais, portanto, nos dão pistas sobre processos envolvidos na constituição de alguns espaços de trabalho na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX. Assim, nota-se que, em meio a uma enorme diversidade – de atividades e de

⁴ No Estatuto de uma agência fundada, em 1876, na cidade do Rio, chamada *Companhia Serviço Doméstico*, essa questão é colocada nos parágrafos 1º e 2º do capítulo VI intitulado “Da administração da companhia e de seus empregados”, que afirma ser competência do superintendente “conservar, sob sua guarda e vigilância, os escravos, enquanto não são alugados e distribuí-los em compartimentos separados, segundo o sexo, tendo em salas também separadas os criados livres”. *Estatuto da Companhia Serviço Doméstico*. 1876. p.7. AGCRJ. Biblioteca. Referência 06.013 (815.41) C 737.

7

trabalhadores – nos espaços de trabalho – ou de “espera” por empregos –, é possível pensar na formação de uma certa unidade, elaborada por interesses comuns e experiências partilhadas resultantes das vivências daqueles agentes históricos. Ou seja, este era um cenário composto por pessoas materialmente pobres que, diante da necessidade de subsistência e/ou sobrevivência, realizavam, em função da precariedade de sua situação social, atividades parecidas, o que as levava à convivência – voluntária ou forçada – com outros trabalhadores em condições semelhantes, em ambientes de trabalho ou de procura por empregos.⁵

Em um contexto marcado pela restrição, pela competição e pela rotatividade no mercado de trabalho na cidade do Rio (DAMAZIO, 1996: 39), bem como pela existência de um sistema de trabalho que reunia, simultaneamente, escravidão e liberdade na sociedade brasileira, as relações sociais que se estabeleciam a partir de tais processos ligados à esfera social do trabalho, nas últimas décadas do Oitocentos, eram, certamente, de diferentes tipos. É possível pensar, nessa perspectiva, em relações marcadas por diálogos ou por confrontos, uma vez que trabalhadores de distintas condições e origens vivenciavam experiências comuns nos espaços de trabalho. Embora tendo vivências diferentes e particulares, sendo homens e mulheres (de diferentes faixas etárias) escravizados, libertos, livres, nacionais, estrangeiros, negros, pardos ou brancos, poderiam ser todos criados, caixeiros, artistas, operários, carregadores etc. que, na luta cotidiana contra a instabilidade de suas vidas, buscavam, em situações semelhantes, uma oportunidade (tal como os anúncios de jornais demonstram) e/ou dividiam os mesmos espaços e processos no mundo do trabalho. Eram, enfim, relações e identidades tecidas, entre vivências diversas e experiências compartilhadas, na dinâmica da constituição dos espaços de trabalho na cidade do Rio de Janeiro nos últimos decênios do século XIX.

Referências bibliográficas

BENCHIMOL, Jaime Larry. A Generalização do Trabalho Livre: sua distribuição setorial e espacial. In: _____. *Pereira Passos, um Hausmann Tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1992.

⁵ Para a construção dessa reflexão partimos da leitura do clássico trabalho de E. P. Thompson sobre a formação da classe trabalhadora. No entendimento desse historiador, a formação de uma classe envolve experiências “herdadas ou partilhadas” e a articulação de identidades a partir de interesses comuns. THOMPSON, E. P. Prefácio. In: _____. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Vol.1. p.10. Ver Referências Bibliográficas.

CARVALHO, Marcus F. M. de. A Imprensa na Formação do Mercado de Trabalho Feminino no Século XIX. In: NEVES, Lúcia Maria B.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia Maria B. da C. (Orgs.). *História e Imprensa*. Representações Culturais e Práticas de Poder. Rio de Janeiro: DP&A, Faperj, 2006. pp.176-199.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 2ªed. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2001.

CHALHOUB, Sidney; RIBEIRO, Gladys; ESTEVES, Martha de Abreu. Trabalho Escravo e Trabalho Livre na Cidade do Rio: vivência de libertos, ‘galegos’ e mulheres pobres. In: *Revista Brasileira de História*. v.55, n.º8/9, set.1984/abr.1985, pp. 85-116.

DAMAZIO, Sylvia F. *Retrato Social do Rio de Janeiro na Virada do Século*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996.

KARASCH, Mary. Carregadores e Propriedade: as funções dos escravos no Rio de Janeiro. In: _____. *A vida dos Escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. pp.259-291.

KIRK, Mike. Cultura: Costume, Comercialização e Classe. In: BATALHA, Cláudio H. M; SILVA, Fernando T. da; FORTES, Alexandre; (Orgs.). *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2004.

LARA, Silvia H. Escravidão, Cidadania e História do Trabalho no Brasil. In: *Projeto História*, 16, fev. 1998. pp.25-38.

LOBO, Eulália Maria L. *História do Rio de Janeiro (do capital comercial ao capital industrial financeiro)* Vol. 1. Rio de Janeiro: IBMEC, 1978.

NEGRO, Antonio L.; GOMES, Flávio. Além de Senzalas e Fábricas: uma história social do trabalho. In: *Tempo Social*, v.18, n.1, jun. 2006. pp. 217-240.

SAVAGE, Mike. Classe e História do Trabalho. In: BATALHA, Cláudio H. M; SILVA, Fernando T. da; FORTES, Alexandre; (Orgs.). *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2004.

SILVA, Marilene Rosa Nogueira da. O Rio de Janeiro Imperial e suas Áfricas Visíveis. In: AZEVEDO, André Nunes de. (org.). *Anais do Seminário “Rio de Janeiro: capital e capitalidade”*. Rio de Janeiro, 23 a 26 de outubro de 2000. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/NAPE/DEPEXT/SR-3/UERJ, 2002. pp.87-101.

SOARES, Luiz Carlos. A escravidão Industrial do Rio de Janeiro do Século XIX. Disponível em: http://abphe.org.br/congrsso2003/textos/abphe_2003_85.pdf. Acessado em: 20.04.2008.

9

THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Vols. I e II. 4ª ed. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.